

Festa e Turismo: Por uma Relação Possível¹

Revista Rosa dos Ventos

4(IV) 587-598, out-dez, 2012

© O(s) Autor(es) 2012

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Airton José Cavenaghi², Marielys Siqueira Bueno³, Renê Nascimento Corrêa⁴

RESUMO

Com a participação do Turismo, muitas festas populares brasileiras cresceram e ganharam visibilidade. As opiniões são divergentes, entretanto, quando se trata de avaliar tal aproximação, mesmo nos seus méritos, pelos possíveis impactos ocasionados às expressões culturais. Muitos temem que a mercantilização comprometa a autenticidade dessas expressões populares. Exemplifica-se tal situação apresentando oito festas de grande apelo popular comemoradas no Brasil, escolhidas por manterem estruturas edificadas perenes, além de sua relação com o Turismo. Nessas festas, mesmo com as alterações provocadas pelo Turismo, que garante a sua manutenção, o que a pesquisa observou é que o mesmo garante à população local o sair do papel passivo de espectadora, para assumir um papel participativo, que reforça e nutre os laços sociais.

Palavras-chave: Turismo. Festas. Inventário.

ABSTRACT

Popular Festivals versus Tourism - With the participation of tourism, many Brazilian popular festivals have grown larger and gained visibility. Opinions are conflicting when it comes to evaluate the role of tourism participation in these cultural manifestations. Many people fear that commercialization will jeopardize the authenticity of these popular expressions. However, the incentive of tourism, if considering the changes it causes, allows people to move from passive viewers towards a more participative role that reinforces and nurtures the social bonds, in addition to ensuring the continuance of

Keywords: Tourism. Festivities. Inventory.

¹Este artigo refere às discussões do Grupo de Pesquisa Hospitalidade: Processos e práticas, do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, SP.

²Doutor. Professor do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail acavenaghi@gmail.com

³ Doutor. Professor do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, SP. E-mail marielysbueno@gmail.com

⁴ Doutor. Professor do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, SP.

festivals. This article attempts to describe eight festivals Brazilian chosen through their association with places where there are tangible representations of their (stadiums, sambódromos, etc.). Selected by their representation in the imaginary festive Brazilian. Looking thus demonstrate that although these different parties have similarities between them.

INTRODUÇÃO

Toda alegria quer eternidade, quer profunda, profunda eternidade. Nietzsche

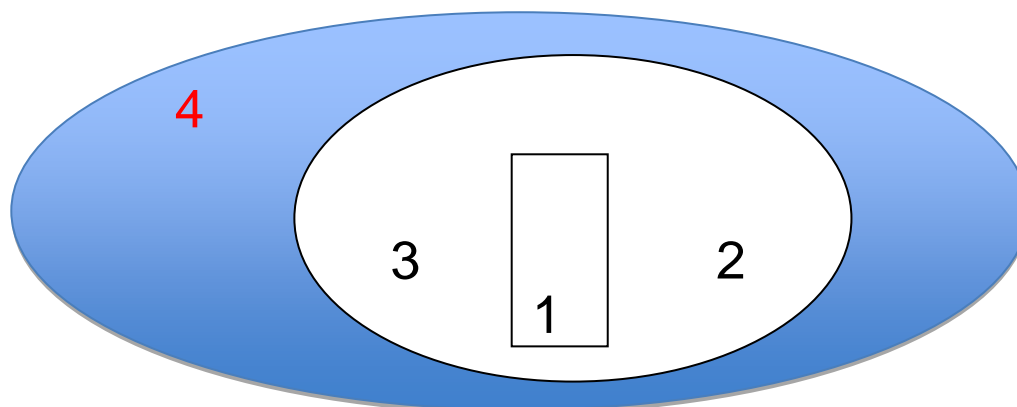
Neste artigo apresentam-se as discussões realizadas dentro do Grupo de Pesquisa Hospitalidade: Processos e Práticas, do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, SP, em torno da caracterização da festa e sua transformação em elemento de atratividade turística. Traz-se à argumentação, na primeira parte, as considerações teóricas trabalhadas pelo Grupo e, na segunda parte, breve descritivo de oito festas comemoradas no Brasil, todas de grande apelo popular. Teoricamente, parte-se da consideração de que a festa, como modelo de sociabilidade, incorpora características fundamentais da memória coletiva da sociedade que a criou. Pela análise descritiva de oito festas populares comemoradas no Brasil, escolhidas por manterem estruturas edificadas que servem de palco para acomodação de um público turístico, procura-se demonstrar a permanência de elementos comuns que produzem significados estruturantes para a seu uso como elemento de atratividade turística. A escolha dos eventos⁵ a serem citados como exemplos, selecionados em pequeno inventário analítico, mostram a transformação da festa, em princípio restrita às necessidades da comunidade que a criou, em processos de espetacularização no qual se destacam características de empreendimento comercial, inclusive com estruturas construídas para tal fim e com sistemas próprios de gerenciamento, decorrentes de sua transformação em elemento de produção de capital. São exemplos, dentre os oito a serem listados, o Sambódromo e a Arena de Montaria, nos quais se evidenciam o nascimento da festa a partir de um apelo popular e sua transfiguração histórica de patrimônio cultural local em atrativo turístico, não raro, de abrangência nacional.

A festa e suas representações são classificadas como Patrimônios Culturais Intangíveis, que expressam o desejo coletivo de pertencimento dos grupos envolvidos em sua criação mas, também, daqueles que a visitam. Em que pese a imaterialidade do bem cultural 'festa', as representações de tal patrimônio são materializáveis nos corpos em movimento, indumentárias e cenários, por exemplo, permitindo recorrer ao que Choay (2009) tratou como 'alegoria do patrimônio' para explicar a espetacularização implícita na seu processo de realização. Nesse processo, elementos constituidores da memória pessoal e coletiva dos grupos, e que contribuem para constituição das identidades do lugar, são submetidos a uma espetacularização explícita, em muitos casos para sua utilização como elementos de atratividade turística. Lemos (2002) argumenta justamente esse ponto, quando afirma que o

⁵ São analisados: A Oktoberfest, de Blumenau, a Festa da Nossa Senhora da Achiropita, a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, a Festa da Cavahada em Pirenópolis, a Festa do Boi-Bumbá de Parintins, a Festa do Boto de Sairé, a festa do Festival de Ciranda e o Carnaval.

Turismo se apropria de tal patrimônio cultural, que é elemento aglutinador dos grupos sociais envolvidos, dando visibilidade a ações que, na comunidade, seriam cotidianas.

Figura 1 – A materialização do Patrimônio



Fonte: Os Autores

Legenda: (1) Monumento; (2) Espaço/Território; (3) Observador (turista, habitante, cientista, etc.); (4) Cotidiano/História (local, geral, etc.)

A partir da figura 1, as possíveis interpretações do Monumento, no caso, o Patrimônio Cultural Tangível, realizam-se da seguinte forma: (a) Realidade do Monumento = $4 + 3 + 2$; (b) Leitura do Patrimônio constituído = $3 + 2 + 4$; (c) Significado imediato da Edificação/ Monumento = $4 + 2 + 3$.

Nota-se que a concepção do imaginário envolvido na representação condiciona-se a percepção deste patrimônio como elemento participativo de memórias múltiplas, que são resultados de ações individuais mais vinculadas ao contexto da coletiva dos grupos sociais envolvidos. No caso das festas aqui escolhidas para análise, observa-se que a materialização do intangível, representadas pelos locais nos quais as mesmas se realizam, mas não só, garante uma maior legitimidade das ações coletivas dos grupos envolvidos em sua realização, mas, repita-se, podem expô-los à espetacularização.

A FESTA

As festividades da tradição popular ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira. Nas festas, por todo o País, o jogo das cores, os ritmos, as toadas, os bailados, as comidas se multiplicam e encantam os que dela participam. O forte apelo aos sentidos atrai e envolve tanto a comunidade quanto os visitantes e admiradores. Atualmente, as chamadas 'festas populares' crescem e se multiplicam, ganhando visibilidade. Muitas festas tradicionais tornaram-se atrações turísticas de grande repercussão que favorece, entre outros aspectos, a construção de identidades sociais.

Evidentemente, falar em festa popular significa englobar seus múltiplos contextos, formas, significados e valores mas, na sua essência, está o fato de as mesmas se constituírem em um

espaço importante para fortalecimento das relações sociais, ao criar vínculos com os participantes. A alegria é a finalidade da festa. A festa constitui um universo à parte, extraído da linearidade do tempo e do cotidiano, apresentando regras próprias para seu gozo e desfrute. Ao longo de sua duração, a dimensão temporal do cotidiano fica suspensa e ela parece “suspender ou colocar entre parênteses a realidade da nossa vida” (BERGER, 1997, p.97). Berger ainda ressalta a importância de tais momentos quando afirma que “elementos lúdicos podem ser encontrados em quase qualquer setor da cultura humana, ao ponto de se poder afirmar que a cultura como tal seria impossível sem essa dimensão” (*idem ibidem*).

Quanto ao seu perfil, Melo (2001) sugere que a festa deva ser caracterizada, sobretudo, enquanto processo comunicacional, bem como por sua dinâmica, seus agentes e fontes. Ao identificar o processo comunicacional das festas, as define como fenômeno de natureza sociocultural, que leva a que a ela permeie “toda a sociedade, significando uma trégua no cotidiano rotineiro e na atividade produtiva. Sua natureza é intrinsecamente diversional, comemorativa, pautando na alegria e na celebração” (MELO, 2001, p. 110). Para melhor avaliar a dimensão dessas manifestações populares, Melo (2001) sugere que elas sejam analisadas a partir de quatro elementos: a memória, o perfil, a mensagem e as mediações.

Com relação à memória, deve-se considerar o que está registrado na memória coletiva sobre a festa enquanto fato histórico. Com relação ao perfil, trata-se de avaliar sua estrutura, sua dinâmica social, seus agentes e suas fontes de sustentação econômica. Quanto à ‘mensagem’, é importante perceber seu significado no entorno social, seu conteúdo, suas manifestações. E com relação à mediação, trata-se de perceber as relações que a festa tem com as instituições externas e como esse conteúdo é apropriado pela mídia ou se ela interfere no seu conteúdo. Melo diz ainda que o fato da diluição da fronteira entre o urbano e o rural fez com que as festas populares sobrevivessem graças a um processo de adaptação.

A memória - A dimensão da memória, segundo a sugestão de Melo (2001) para avaliar as festas, está claramente evidenciada na afirmação de Barretto (2001, p.49):

O legado cultural permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação de fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros da comunidade adquiram, pela primeira vez, a consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época.

É importante salientar que essa memória tem um caráter dinâmico muito importante pois, ao ganhar visibilidade nas tradições cultuadas, acrescenta-lhes novas formas e novos significados. Silva (2001, p.35) reforça a importância desse dinamismo dizendo que “essas festividades populares não manifestam apenas os aspectos tradicionais, mas assimilam características decorrentes do processo maior dando-lhe novas formas, novos significados”.

A preservação da memória ganhou uma importância adicional no contexto da Modernidade, que se caracterizou pelo transitório, pelo efêmero, determinando uma vida linear, direcionada e planificada. Esse cenário de Modernidade se consolidou ao longo do século XX, de uma maneira que levou Morin (1993, p.23) a afirmar que o seu desenvolvimento “não somente trouxe o florescimento individual, liberdade e lazer, mas também uma atomização, consequência das coerções organizacionais especificamente modernas”. Tal cenário, no qual praticamente todos os espaços estão capilarizados pelo espírito moderno de uma vida direcionada e planificada, torna imperativo constatar que existem diferentes dimensões na concretude da vida.

É justamente nesse sentido que se vê o importante papel social das festas, particularmente as festas que são manifestações da tradição cultural, pelo seu grande potencial criativo e de integração. A importância da festa se acentua na sociedade contemporânea, ainda, pois as forças econômicas, na busca da ampliação do lucro e da mais valia, negligenciam de maneira mais acentuada alguns aspectos fundamentais das necessidades humanas. As festas populares de caráter comunitário, ao contar com a participação direta da população, colocam-se na contramão do caráter opressor e individualista imposto pela Modernidade ao mundo contemporâneo, permitindo dimensionar o potencial desses espaços para a criatividade e para a integração.

Vale destacar, ainda, que apesar dos apelos veementes da Modernidade e da presença dos poderosos meios de comunicação da cultura de massa multipresentes, observa-se certa tendência pós-moderna para retomar, nas festas populares, a preocupação com a preservação de valores culturais tradicionais. Com relação a esse processo, talvez se possa considerar a presença do Turismo como positiva, por contribuir para a revitalização das memórias coletivas, ao oferecer condições de sobrevivência a manifestação de diferentes dimensões culturais, antes ameaçadas.

O perfil - Embora diferentes tanto em estrutura quanto em organização, é surpreendente observar os aspectos que as festas têm em comum. Todas dão destaque ao imaginário que se concretiza através de uma criativa e rica plasticidade. E, no dizer de Gastal (2005, p. 69), “produzir e consumir imaginários passou a fazer parte das necessidades básicas contemporâneas”. Com relação a esse aspecto, aponta-se o papel relevante das festas ao abrir espaços no interior da sociedade, nos quais não se trata apenas de espetáculos onde se jogue com a realidade e com o imaginário, mas, igualmente, oferecem a possibilidade para uma participação ativa, com momentos para a libertação física e psíquica, e propiciando a vivência e a solidariedade (BALANDIER, 1985). As festas, ainda na análise do mesmo teórico, são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas, pelo seu clima de descontração e de despreocupação. As festas, enquanto mobilizadoras das relações entre os grupos primários e a coletividade, criariam uma teia complexa de relações e de interesses. Quando a sua organização têm o caráter ‘mutirão’, levando a participação grupal para sua elaboração, por exemplo, isso seria visto como contraposição ao já comentado individualismo contemporâneo. Tal aspecto, em alguns autores, é visto como uma possível comunhão entre os participantes e, essa comunhão, se associada a uma ação coletiva, seria imputada como identidade a todos que dela participam. A tradição, portanto, sairia delas fortalecida e expressando com mais vigor os valores da comunidade. Em muitos casos, o Turismo reforçaria a visibilidade dada às expressões culturais locais, ao submetê-las ao olhar do estrangeiro.

A mensagem - Com relação à mensagem da festa, é importante apreender seu significado, o seu conteúdo peculiar. Ao reproduzir os valores culturais tradicionais, as festas não perderiam o direito de se modernizar ou de modificar seus padrões de expressão. Mesmo porque, como Gastal (2005, p. 26) nos mostra, a estetização é fruto não só das tecnologias “que permitiram registrar e reproduzir a imagem em novos encadeamentos, mas também das novas matérias-primas, com destaque para o plástico”. Ainda segundo a autora, o plástico “com suas possibilidades em termos de maleabilidade e pigmentos, veio complementar os arranjos de um mundo, antes dele, menos colorido e mais padronizado” (*Idem*). Em decorrência dessas novas possibilidades, a espetacularização das festas ganhou representações mais elaboradas,

complexas e mesmo, em alguns casos, luxuosas. A renda decorrente dessa expansão permitiu que o núcleo tradicional ganhasse meios de expressão mais amplos, o que lhes permitiu falar a sua história com mais vigor e redinamizar o imaginário e os valores.

A mediação - Finalmente, a questão da mediação leva em conta as relações da festa com a mídia e de como seus conteúdos são apropriados por ela. É evidente que a mídia dedica às manifestações da cultura e, entre elas, dá uma atenção especial às festas populares tradicionais, folclóricas ou religiosas, fato que leva a um crescente apelo turístico. A própria comunidade, no seu movimento de expansão busca na mídia um aliado para a divulgação de suas atividades. Isso permite a elas exporem-se ao exterior de modo positivo e associado ao processo de valorização. Esse aspecto pode ajudar a se formar uma rede de relações sociais que leva a uma convivência solidária e, algumas vezes, competitiva.

FESTA E TURISMO

O interesse turístico por essas manifestações, pela sua natureza espetacular, tem sido avaliado como incentivador por uns, mas outros, mesmo reconhecendo seu poder estimulante, temem seu potencial negativo. O avanço de possibilidades técnicas, da diversidade de materiais disponíveis ampliaram os recursos plásticos e cênicos, dinamizando o poder de sedução e de encantamento e, de certa forma, modificando o formato de tais manifestações, o que leva a críticas, principalmente pela transformação da tradição em bem de consumo. Para Barretto (2001, p.32) caberia “perguntar se há alguma manifestação humana atualmente que não se transforme, de alguma maneira, num bem de consumo [...] inexorável, processo [que leva a] destruição dos bens [culturais][...]”. A preocupação com os impactos culturais do Turismo, segundo Barretto, é encontrada em vários autores, mas não é universal ou generalizada. Contrapondo às alegações de que a cultura deixaria de ser valorizada por si mesma e, sim, pelo seu possível valor econômico. Barretto ainda afirma que a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para “os turistas, leva numa etapa posterior, inexoravelmente à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado” (2001, p.47).

A avaliação dessa questão passa pela compreensão do papel e da função social das festas populares. As festas são vigorosas manifestações de tradições e, para Cavalcanti (2002), a natureza simbólica das festas, com sua plasticidade e multiplicidade de meios de expressão tornam-se particularmente adequadas às expressões da história, dos valores, dos conflitos e da dinâmica social dos grupos que as promove. O que seria criticado, portanto, não seria propriamente a apropriação da festa pelo Turismo, mas justo a sua expansão acentuada no cenário nacional, devido seu poder de atrair turistas.

É fato que as cidades ganham brilho, ganham vida, e a maioria de seus habitantes se enchem de orgulho quando a sua festa é sucesso. São muitos os que aprovam, mas não faltariam críticas. A avalanche de turistas coloca problemas nem sempre fáceis de serem resolvidos. Por isso Mendonça (1996, p.21) adverte “que é importante que os planejadores de novos polos e centros turísticos comecem a levar em conta estas populações e elaborar, juntamente com elas, o plano de desenvolvimento local”.

A maioria concorda com os aspectos positivos da festa para a comunidade, mas essas manifestações tendem a se enfraquecer diante dos apelos da vida contemporânea. E o

estímulo que elas recebem devido a sua visibilidade e a sua espetacularização, por sua vez, as ameaçam em função da eventual possibilidade de descaracterização devido a busca por criar, cada vez mais, maior atratividade. É discutido e temido o fato de brincadeiras populares se transformarem em espetáculo e, conseqüentemente, a cultura popular em cultura de massa, ou seja, se teme as conseqüências da mercantilização. Além disso, Urry, citado por Coriolano (1997) aponta para o fato de que existem muitos determinantes conflitivos nas relações sociais entre os hospedeiros e os hóspedes. Isso aponta para a necessidade de uma avaliação sobre as marcas deixadas por esse intercâmbio que cria novos elementos e novas funções sociais nas práticas sociais tradicionais.

Os rituais religiosos constituiriam outra situação. Com relação a ele, o Turismo criaria conflitos pelo fato de atrair pessoas que não comungam, necessariamente, com as crenças e valores da festa. Ferretti (2006, p.2) afirma que “a participação de turistas nas festas e rituais religiosos, embora costumem emprestar a elas maior brilhantismo, tem causado alguns problemas”. Ainda segunda Ferretti (2006), isso se deveria, principalmente, porque os turistas geralmente participam dos rituais sem o conhecimento das normas que os regem e sem o sentimento devoto dos que comungam das crenças; não raro, o barulho que fazem daria a parecer que seriam pessoas desrespeitosas com a religião. Nessas ocasiões, os habitantes se sentem invadidos e se incomodam com o tom profano dado pelos turistas às festas de sua devoção. Mas, repetimos, a dimensão religiosa implicaria outras considerações, que não é o foco da presente discussão.

Não há como negar que a partir da Modernidade houve a mercantilização generalizada inserida nos processos sociais e, nessa condição, o Turismo ocuparia um espaço vasto e complexo. O Turismo não é mais um privilégio de uma elite e, agora, o conjunto da população reivindica o direito a ele e isso determina proporções realmente assustadoras ao fenômeno. Se, por um lado, esse expressivo número de turistas invade as manifestações populares colocando dificuldades nessa relação morador/turista, por outro lado, é essa expansão que permite não só a manutenção das mesmas como a amplitude que certas festas brasileiras apresentam.

FESTAS E TURISMO NO BRASIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Nem de longe o homem poder ser visto apenas como ser movido pelo estômago: por isso é preciso que em sua vida pulsem também o intelecto, a imaginação, assim como as emoções caracteristicamente humanas. J.C. Rodrigues

Para exemplificar o processo de expansão das festas, citam-se algumas que foram escolhidas pela sua visibilidade e representatividade, das várias dimensões em que estão inseridas. Apesar de tais festas serem representativas das várias regiões do Brasil e suas formas de organização ser diferente, há muitas semelhanças entre elas. Neste aspecto, a metodologia que se utiliza na descrição de cada um dos eventos festivos, ajuda a perceber as similaridades entre eles. Todos os eventos citados foram observados presencialmente pelos pesquisadores, de forma participativa, na qual o observador pode vir a ser, também, ator do processo. Foi a partir desse entendimento inicial, seguido da descrição sistemática do acontecimento, que se cria a expectativa de um conhecimento mais aprofundado do momento festivo. Propôs-se na observação e seleção do material, seguir o proposto por outros pesquisadores que também estudaram diretamente os eventos, tais como Amaral (2008), Galindo (1997), Braga (2002),

entre outros, e que apresentaram análises hoje fundamentais para o entendimento das festas populares. De tal entendimento, surgiu a lista, descrição e breve análise das seguintes festas: o Carnaval; a Oktoberfest, de Blumenau; a Festa da Nossa Senhora da Achiropita; a Festa do Peão Boiadeiro, de Barretos; a Festa da Cavallhada, em Pirenópolis; a Festa do Boi-Bumbá, de Parintins; a Festa do Boto de Sairé; e o Festival de Ciranda.

O **Carnaval**, no Brasil, evoluiu a partir das brincadeiras de rua, herdadas dos colonizadores europeus, conhecidas como Entrudo. Elas incluíam o consumo exagerado de comidas e bebidas, danças e zombarias públicas. Nestas, as pessoas jogavam água, farinha e, às vezes, até ovos, umas nas outras, provocando descontentamento naqueles que as viam como decadência dos costumes. Mas havia, também, os que gostavam dos folguedos, como alguns jornais que registravam as batalhas de água com bom humor e malícia. O carnaval de rua, espontâneo, foi perdendo destaque frente ao sucesso dos desfiles das Escolas de Samba, tornados emblemáticos no Rio de Janeiro. Os desfiles cresceram em complexidade, técnica e recursos cenográficos, sua fama atraindo milhares de pessoas e reforçando o imaginário que associa o Carnaval e o samba à identidade brasileira. O Carnaval projeta-se no País com diferentes formas, mas o do Rio de Janeiro, com seus suntuosos desfiles, servirá de modelo. Um exemplo é São Paulo, onde os cordões populares, surgidos em 1914, perderam espaço para o modelo carioca, a partir de 1968.

Ainda há alguns carnavais que resistem ao espaço fechado, como o de Salvador, que entrou para o livro de *Guinness* de recordes como a maior festa popular do planeta, com seus milhões de participantes. O carnaval de Recife e Olinda também se projetou no cenário nacional, marcado pelo frevo e o desfile de rua com várias agremiações. O Recife possuiu o maior bloco de Carnaval do mundo, o Gato da Madrugada. O Carnaval de Olinda é o mais democrático, pois tem o povo como protagonista, as censuras e sátiras políticas se manifestando nas marchas, nos bonecos e nas fantasias. O boneco mais conhecido é o Homem da Meia Noite, que dá o início oficial aos festejos, na zero hora do sábado. Além disso, por todo o Brasil, as cidades são animadas pelo festejo **micareta**, que são carnavais fora do período oficial. Muitos desses festejos estão ganhando força e visibilidade e um crescente número de adeptos.

A **Oktoberfest** de Blumenau, Santa Catarina, por exemplo, alcançou sucesso na iniciativa de ver a festa como investimento e fonte de lucro. É chamada do Carnaval do Sul, uma vez que inclui fantasias, desfiles, carros alegóricos etc. Amaral (1998) diz que esse modelo carnavalesco parece ser o modelo brasileiro de festa, pois se reproduz frequentemente tanto em festas religiosas quanto em festas profanas. Ela nos conta que, durante anos, um grupo originário da Alemanha e que ali viviam, acalentaram o sonho de realizar em Blumenau a Oktoberfest. Achavam que seria importante realizar uma festa como a alemã (Oktoberfest, a maior festa de cerveja do mundo acontece em Munique, na Bavária). Em 1983, Blumenau foi quase totalmente destruída pelas águas do rio que a banha. Sem muitas esperanças, diante da catástrofe, pensaram em realizar uma festa para angariar recursos, e foi, então, que se decidiu por colocar em prática o antigo projeto da Oktoberfest. A ideia foi apoiada pela Secretaria de Turismo local. A iniciativa deu certo e, hoje, milhões de pessoas participam do evento. “Nela, os grupos folclóricos desfilam e acompanham belos carros alegóricos, um dos quais traz a rainha da Oktoberfest, que anuncia a festa e o despertar da primavera, dos sentimentos adormecidos, entre eles a alegria e o prazer de viver, comer e beber” (AMARAL, 1998, p. 108).

A festa da **Nossa Senhora da Achiropita** é uma das festividades italianas mais tradicionais de São Paulo e se realiza em agosto no bairro do Bixiga, região central da cidade. Segundo Amaral (1998), ela pode ser considerada uma ação popular interferindo efetivamente nos problemas

da comunidade, pelo investimento social dos recursos arrecadados na festa. Amaral diz que a origem do culto à santa se deu em 580 d.C. numa aldeia calabresa, e se espalhou entre a comunidade italiana de São Paulo. Só existem duas igrejas dedicadas a Nossa Senhora da Achiropita, em todo o mundo. Na festa, barracas são instaladas no quarteirão da igreja onde se oferecem pratos de macarrão, as *fogaças*, pizzas, bebidas, além da grande mesa com pratos frios e quentes. Há música italiana típica ao vivo com diversos cantores, grupos folclóricos, danças, leilões e sorteio de brindes. As famílias trabalham em conjunto, mas a festa cresceu tanto que não foi possível preservar todas as características artesanais do seu preparo; hoje, o macarrão usado é o industrializado, embora o molho continue preparado pelas *mamas*.

A **Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos** é, hoje, uma festa de rodeio que alcançou proporções de evento internacional. Além dos rodeios, apresenta vários *shows* com artistas conhecidos do grande público. Nasceu pela iniciativa de um grupo de jovens com a intenção de conseguir recursos para obras beneficentes. Galindo (1997, p. 159) diz que “após duas décadas de realização o evento já havia tornado uma atração turística conhecida internacionalmente”. Diz, também, que hoje ela possui um caráter ‘profundamente’ cultural, que apresenta os usos e costumes do Peão. Isso é particularmente importante para a memória coletiva, uma vez que o papel do peão atual não percorre mais os corredores boiadeiros e sua função, devido aos modernos meios de transportar a boiada, se limita ao trabalho nas fazendas. Galindo aponta que a festa do Peão de Barreto tem, também, a função pioneira, constituindo-se em modelo para mais de mil festas de peão que se difundiram pelo Brasil.

A **Festa da Cavahada em Pirenópolis** em Goiás é outra que apresenta um processo de expansão de suas manifestações populares. A Cavahada, propriamente dita, é a evocação da luta entre os cristãos e os mouros, inserida na Festa do Divino e realiza anualmente cinquenta dias após a Páscoa. Pirenópolis é uma pequena cidade no interior do estado de Goiás e está classificada como monumento histórico, mas é conhecida, principalmente, por causa da Festa da Cavahada, momento em o número de visitantes dobra a população da cidade. Se a cavahada propriamente dita dura três dias, a festa, no seu conjunto, dura dez dias e sua preparação, o ano todo. É uma festa de inspiração religiosa e a ela foram acrescentadas numerosas manifestações profanas. Para receber o número crescente de turistas algumas casas foram reformadas para instalação de *bed and breakfast* e numerosas pousadas construídas. Para a festa, os artesãos confeccionam artigos ricos e variados, e as doceiras oferecem as especialidades da região e as bordadeiras confeccionam roupas cada vez mais luxuosas para os cavaleiros e para os ornamentos dos cavalos. Os bares, cafés e restaurantes se aperfeiçoam e se decoram: a cidade se torna brilhante e seus habitantes ficam orgulhosos de tudo isso. Apesar da desaprovação de alguns moradores mais conservadores, a festa continua proporcionar aos locais momentos de encontros prazerosos e, também, durante a sua preparação.

Na festa do **Boi-Bumbá de Parintins**, o folclore e os festejos do Boi-Bumbá é um tema registrado em várias regiões do país. Tradicionalmente, o Boi-Bumbá em Parintins era uma brincadeira de rua. Os brincantes dos bois saem pelas ruas da cidade festejando, dançando, cantando diante das casas dos mais ricos, encenando a matança do boi; em troca, o dono da casa compra a ‘língua do boi’, ou seja, oferece uma quantia em dinheiro.

A forma de apresentação, como é conhecida hoje, iniciou-se em junho de 1966 e foi esse o primeiro festival oficial. A partir dessa data, as apresentações passaram a ter um caráter competitivo, pois visavam agradar ao público para conquistar o título de ‘o melhor do festival’. Devido ao caráter competitivo, novos critérios de regulamentação foram sendo acrescentado. Um novo espaço foi criado para as apresentações, o Bumbódromo (numa alusão comparativa

ao sambódromo), que comporta 35 mil pessoas. Neste aspecto, observa-se a estrutura criada para comportar o turista e, assim, dar sentido a organização do capital e sua padronização de consumo.

Cada boi cria, anualmente, um enredo no qual são evocados figuras do folclore regional. Esse enredo é dramatizado e deve ser apresentado durante duas horas e meia, havendo um enredo para cada um dos três dias do Festival. Pode-se dizer que a complexidade técnica, os recursos cenográficos, a grandiosidade das alegorias, os efeitos de luz assumiram uma dimensão comparável ao desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Segundo Braga (2002), foi o Carnaval carioca que criou essa concepção de espaço, o Sambódromo, destinado a grandes espetáculos que, posteriormente, foi incorporada por outras manifestações populares. Há quem critique e desaprove essa efervescência, esse aspecto monumental que os festejos adquiriram, assim como a ebulição que provocam na cidade. Mas parece não haver dúvidas de que a Festa do Boi tem fortalecido o orgulho da população e o seu sentimento de pertencimento, pois podem expressar com maior amplitude a sua história, seu imaginário, fazendo fortalecer crenças populares.

Na festa do **Boto de Sairé**, a programação começa com uma emocionante procissão. Uma moça, na frente do cortejo, carrega o 'Sairé', uma armação de madeira revestida com fitas coloridas em forma de três cruces: Pai, Filho e Espírito Santo. A festa envolve antigas danças folclóricas, mas, atualmente, o momento mais esperado é o da disputa entre os grupos do Boto Cor de Rosa e o do Tucuxi. Vê-se nessa festa a mesma estrutura competitiva dos festejos do Boi-Bumbá de Parintins. A apresentação alegórica também segue o mesmo modelo de Parintins. Escolhem uma temática para contextualizar a lenda do Boto (são muitas as lendas do Boto, mas a mais difundida é a da sedução de caboclas, levando-as para dentro dos rios). O espetáculo, no qual os Botos disputam a melhor apresentação, agrega dança, teatro, música, efeitos especiais. Esse espetáculo vem se firmando e tem uma expressiva participação de mais de 15 mil pessoas. Também nessa festa acontece em um espaço especialmente criado para ela, o 'sairódromo', e a presença de cores vivas e do ritmo contagiante, que incorporam os símbolos da identidade local, tudo permeado por intensa rivalidade.

O **Festival de Ciranda** é uma festividade do município de Manacapuru, no Amazonas. Já está sendo avaliada como o segundo maior festival folclórico daquele Estado, atraindo milhares de visitantes para as margens do rio Solimões. Esse Festival também ganhou um espaço especial, o 'Cirandódromo'. Ali se veem, igualmente, elementos de sincretismo cultural e, assim, o núcleo tradicional ganha, por esse processo, meios de expressão que redinamizam o imaginário local. A festa começou com um grupo de crianças de escola local; foi se profissionalizando e, hoje, se transformou no Manacapurú na Terra da Ciranda, trabalhando com lendas, ritmos diferenciados, cores e músicas.

FINALIZANDO

Para Amaral (1998), a festa brasileira é uma linguagem simbólica que traduz muitos valores nacionais. Para ela, divertimento é uma coisa séria e, como importância, viria logo após a necessidade de sobrevivência. Diz ela que toda a festa é um ato coletivo e, conseqüentemente, supõe não só a presença de um grupo, mas, também, a participação direta das pessoas, o que a faz se diferenciar do puro espetáculo. Haveria uma função recreativa e libertadora nas festas. Amaral diz, ainda, que seriam vários os aspectos que permitem afirmar que há um modelo brasileiro de festa, argumentando que das maiores às menores, todas elas não apenas

atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história das comunidades, contadas pelo seu próprio ponto de vista.

Muitas festas populares brasileiras vêm se tornando um produto cada vez mais atraente sob o ponto de vista do turismo, gerando um mercado crescente de empregos, produtos e serviços. É possível afirmar que, em muitos casos, o fenômeno turístico tem contribuído para revitalização e dado condições de manutenção dessas expressões culturais que, como já referenciado, são ameaçadas ante as condições corrosivas da Modernidade. Além disso, apesar da mercantilização e espetacularização, as festas continuam fazendo a interpretação dos mitos, lendas e histórias locais através da elaboração e da expressão de um imaginário simbólico que desempenha papel revelador e crítico. As festas são necessárias e no dizer de Maffesoli (1993, p.66), “é necessário que existam momentos em que a convivência possa exprimir-se. Ademais, isso permite processos de inversão que, sempre e em toda parte, foram considerados expressões de sanidade e fontes de regeneração social”. A esse respeito, as festas populares são exemplares.

Fazer a festa, que significava a quebra de um cotidiano de trabalho, passou a ser, sob o processo de espetacularização, uma forma de trabalho cotidiano para uma diversidade crescente de profissionais. Realmente, os preparativos das festas seguintes, pela dimensão que elas assumiram, começam quase que imediatamente após o término dos festejos e exigem um envolvimento de muitos participantes no seu planejamento e na sua execução. Isso representa um trabalho que inclui prazer e lazer para os que estão envolvidos na sua elaboração. Assim, é possível dizer que se trata de um contexto que extrapola à festa e ao Turismo, relativizando as opiniões divergentes quanto ao avaliar suas interdependência no Brasil. Há os que temem que a mercantilização comprometa a autenticidade das expressões culturais, num questionamento que talvez deva ser deslocado da manipulação e apropriação de padrões culturais para o consumo, feitas por pessoas estranhas à comunidade, para a discussão sobre como manter espaços de expressão para as identidades locais. O incentivo do Turismo, mesmo com as alterações por ele provocadas, além de garantir a permanências das festas, permite à população sair do papel passivo de espectadores para assumir um papel participativo que reforça e nutre os laços sociais.

Com relação ao papel do Turismo seria adequado lembrar que o autêntico “seria o que se constrói coerentemente consigo mesmo. No Turismo, não podemos fugir dessa contingência, o que não diminui, mas antes aumenta a responsabilidade de quem atua nessa área” (GASTAL, 2005, p.88). Isso se deve, mais uma vez, em grande parte ao Turismo, pois a preservação dessas dimensões culturais abre um grande espaço a ser incorporados nos seus destinos e, assim, a cultura passa a cumprir um papel social e, também, econômico. Nesse sentido vale a pena ressaltar a extraordinária vitalidade das festas apresentadas, que permanecem, apesar da sociedade moderna ter padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R.C.M.P. *Festa à Brasileira: significados do festejar num país ‘que não é sério’*. São Paulo, Tese de doutoramento apresentada ao departamento de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP, 1998.

BALANDIER, G. *Le détour, pouvoir et modernité*. Paris: Fayard, 1985.

- BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Papyrus, 2001.
- BERGER, P.L. *Rumor de anjos: sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- BRAGA, S.I.G. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Os sentidos no espetáculo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.45, n.1, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100002&lng=en&nrm=iso
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2006.
- CORIOLOANO, L.N.M.T. Da sedução do Turismo ao Turismo de sedução. In. *Turismo, modernidade e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- FERRETTI, M. Turismo e religiosidade popular. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, Natal, n.36, 2006.
- GALINDO, D. A festa do Peão Boiadeiro – Barretos, São Paulo. In *5º Anuário Unesco/Umesp*. São Paulo, Universidade Metodista, 2001.
- GASTAL, S. *Turismo, imagens e imaginário*. São Paulo: Aleph, 2005.
- LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LEMOS, C. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- MAFFESOLI, M. Liberdades intersticiais. In MORIN, E., BAUDRILLARD, J. e MAFFESOLI, M. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993.
- MELO, J.R. As festas populares como processos comunicacionais. In *5º Anuário Unesco/Umesp*. São Paulo: Universidade Metodista, 2001.
- MENDONÇA, R. Turismo, meio ambiente e impactos espaciais. In. LEMOS, A.I.G. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MORIN, E. O pensamento socialista em ruínas. In MORIN, E., BAUDRILLARD, J. e MAFFESOLI, M. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1993.